

TRAMA GOLPISTA

Diplomatas da reunião de 5/7 atuam no governo

Dois embaixadores e um conselheiro daquele encontro ocupam postos na gestão Lula

» EVANDRO ÉBOLI

Três diplomatas participaram da reunião de 5 de julho de 2022, na qual o então presidente Jair Bolsonaro estimulou os presentes a disseminarem informações falsas sobre as urnas eletrônicas. No vídeo do encontro — liberado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) na sexta-feira — é possível ver representantes do Ministério das Relações Exteriores, que seguem no curso normal de suas carreiras e foram nomeados para funções no governo de Luiz Inácio Lula da Silva.

A mesa principal estava sentado o embaixador Fernando Simas Magalhães, então secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores, que representava, na reunião, o chanceler Carlos França, ausente do país naquele momento. Simas — que não usou a palavra no encontro — foi designado embaixador do Brasil em Haia pelo atual governo.

Também acompanhou a reunião de 5 de julho o embaixador André Chermont de Lima, que era o chefe do cerimonial da Presidência. No vídeo, ele aparece em pé num dos cantos da sala. Bolsonaro faz uma citação a seu nome ao anunciar que chamaria os embaixadores para um encontro e falaria sobre o sistema eleitoral do país, que ocorreu 13 dias depois. “Já acertei com o Chermont para falar com o (ministro) França. Na quinta-feira, eu vou reunir os embaixadores no Alvorada”, afirmou o então chefe do Executivo. No governo Lula, Chermont assumiu o posto de cônsul-geral em Tóquio, no Japão.

O terceiro nome do Itamaraty presente na reunião foi o

Reprodução/Video



O vídeo da reunião de 5 de julho de 2022 integra a investigação que apura suspeita de tentativa de golpe de Estado

Inelegível

A reunião com embaixadores foi a razão pela qual o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) condenou Bolsonaro à inelegibilidade por oito anos. O julgamento ocorreu em junho de 2023. No encontro, o então presidente levantou suspeitas sobre o sistema eleitoral, sem apresentar provas.

conselheiro Comarci Nunes. Ele estava sentado numa das laterais da sala. Na época, era o primeiro-secretário do ministério e acompanhava Fernando Simas no encontro. O conselheiro está lotado, hoje, na área de imprensa da pasta.

O *Correio* questionou o Itamaraty se foi adotada alguma medida após a revelação de que os três participaram da reunião ou se buscou informações sobre a presença dos diplomatas naquele encontro, mas não obteve resposta.

Comarci Nunes informou que era o primeiro-secretário e que apenas acompanhou Fernando Simas porque era seu assessor.

Na reunião no Planalto, além de Bolsonaro, oficiais militares discursaram a favor de medidas que garantissem a reeleição do então presidente. Mesmo que, para atingir esse objetivo, houvesse uma “virada de mesa”, como sugeriu o então chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), general Augusto Heleno.

O ministro da Defesa à época, general Paulo Sérgio Nogueira,

também presente, falou que conversava com frequência com os comandantes das três forças sobre a necessidade de se esforçarem para garantir a recondução de Bolsonaro.

Na investigação, a Polícia Federal identificou uma possível organização criminosa que atuou para impedir a derrota do ex-presidente e a vitória de Lula.

O relatório da PF, corroborado pelo Ministério Público e pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF, apontou seis núcleos distintos de atuação.

Bolsonaro é citado no documento por ter estimulado a disseminação de informações falsas a respeito da urna eletrônica e por ter atuado a favor da elaboração de uma minuta do golpe, apresentada a ele por dois assessores.

Exército exonera militares alvos da PF

O Exército Brasileiro exonou, ontem, dois militares que foram alvo, na semana passada, da Operação Tempus Veritatis, da Polícia Federal (PF), que investiga uma organização criminosa que planejou um golpe de Estado após as eleições de 2022.

As exonerações foram assinadas pelo comandante do Exército, general Tomás Paiva, na última quinta-feira, porém as publicações no Diário Oficial da União (DOU) ocorreram ontem.

Os militares exonados são o tenente-coronel Guilherme Marques de Almeida, que

deixou o comando do 1º Batalhão de Operações Psicológicas em Goiânia, e o tenente-coronel Hélio Ferreira Lima, removido do posto de comandante da 3ª Companhia de Forças Especiais em Manaus.

Guilherme Marques de Almeida foi nomeado por Tomás Paiva para chefiar o batalhão de Goiânia no último dia 19. Em novembro, ele recebeu um salário bruto de R\$ 27.417,60. Já Hélio Ferreira Lima comandava a companhia desde junho do ano passado. Segundo o Portal da Transparência, a sua remuneração bruta em novembro foi de R\$ 27.027.

Militares são investigados por estimular manifestações na frente dos quartéis.

Na última quinta, a PF cumpriu 33 mandados de busca e apreensão contra militares de alta patente, ministros e ex-assessores do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Bolsonaro é suspeito de ter sido o “artífice” de um golpe de Estado após perder as eleições presidenciais para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Guilherme e Hélio são citados no relatório da PF como membros de um “núcleo de desinformação e de ataques ao sistema eleitoral”. A organização do

núcleo serviria para “estimular seguidores a permanecerem na frente de quartéis e instalações das Forças Armadas, no intuito de criar o ambiente propício para o golpe de Estado”.

Hélio também é apontado como integrante de um grupo que se reunia para manter as manifestações extremistas nas frentes dos quartéis após as eleições de 2022.

No dia da operação, os dois militares foram alvos de busca e apreensão, tiveram a suspensão do exercício das suas funções públicas e foram obrigados a entregar os passaportes para a PF.

STF prestes a acatar denúncia contra PMs

» RENATO SOUZA

A Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF) formou maioria, ontem, para receber uma denúncia contra sete oficiais da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) em razão dos atos golpistas de 8 de janeiro.

A denúncia foi oferecida pela Procuradoria-Geral da República (PGR), que acusa os oficiais de contribuir, por ação ou omissão, para os atos extremistas. O julgamento ocorre no plenário virtual.

Foram denunciados os coronéis Klepter Rosa Gonçalves, ex-comandante-geral da PMDF; Fábio Augusto Vieira, ex-comandante-geral; Jorge Eduardo Naim Barreto, ex-comandante do Departamento de Operações; Paulo José Ferreira de Sousa, ex-comandante interino do Departamento de Operações; e Marcelo Casimiro Vasconcelos, ex-chefe do 1º Comando de Policiamento Regional, além do major Flávio Silvestre de Alencar, PM que

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Ex-comandante da PMDF, Klepter Rosa Gonçalves é um dos alvos da ação

estava trabalhando no 8 de janeiro; e o tenente Rafael Pereira Martins, que atuava no dia dos atentados.

Dos quatro ministros da turma, Cristiano Zanin e Cármen Lúcia seguiram o voto do relator, Alexandre de Moraes, pela aceitação da denúncia. Se o resultado

for confirmado, os policiais passarão a condição de réus na Corte.

Falta apenas o voto do ministro Luiz Fux, que pode pedir vista, ou seja, mais tempo para analisar o caso. O julgamento se estende até o dia 20. Nesse período, os magistrados podem alterar os votos.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

Caio Gomez



Viradouro mostra a força da origem ancestral

A primeira grande revolução nos desfiles de escola de samba foi protagonizada pelo Salgueiro, em 1963, com o enredo *Xica da Silva*. O coreógrafo Fernando Pamplona deslumbrou o público e o mundo do samba, no primeiro desfile da Avenida Rio Branco, com uma protagonista negra e uma revolução nas coreografias, concebidas para serem vistas de cima para baixo, ou seja, das arquibancadas e das janelas dos prédios.

A história da ex-escrava que se uniu a João Fernandes de Oliveira, responsável pela exploração dos diamantes no Arraial do Tijoco (atual Diamantina), no auge do Ciclo da Mineração, foi narrada com uma explosão vermelha e branca, resplandescendo, porque a escola se encheu de brilhos para desfilar ao raiar do sol, que subiu por trás da Catedral da Candelária, enquanto o povo gritava “já ganhou!”

Neste ano, foi a vez de a vermelha e branca Viradouro vencer pela terceira vez o desfile de carnaval do Rio de Janeiro. A escola de samba nasceu no complexo de favelas surgido na garganta que leva o seu nome, nos limites do bairro de Santa Rosa, em Niterói. Dessa vez, o protagonismo não foi de uma ex-escrava que seduziu o senhor branco, mas de um mítico exército de guerreiras negras do Reino de Daomé: “Eis o poder que rasteja na terra/ Luz pra vencer essa guerra, a força do vodum/ Rastro que abençoa Agojiê/ Reza pra renascer, toque de Adarrum”, canta o samba enredo da escola.

No revolucionário desfile de Xica da Silva, o espanto ficou por conta de um minueto coreografado por Mercedes Baptista, a primeira negra a integrar o balé do Teatro Municipal, e a fantasia de Isabel Valença, a protagonista, tinha peruca de 1,10m, enfeitada com pérolas, e cauda de sete metros de comprimento. Projeta um estilo de vida que inverte os papéis da sociedade elitista e excludente em que viviam, mas reproduziam o modo de vida da aristocracia colonial. No desfile da Viradouro, a assimilação pela elite foi substituída pela afirmação da origem ancestral: adarrum, em iorubá, é o toque de atabaques e agogôs que tem o poder de invocar os orixás; agojiê são as guerreiras de Daomé.

O choque cultural é a evocação dos espíritos voduns e outros elementos da essência divina que governa a Terra nos cultos africanos, as forças da natureza e da sociedade humana, os espíritos das árvores e das rochas. A comissão de frente intitulada Alaíá, com 24 componentes, trouxe uma grande sacerdotisa, protegida por guerreiras Agojies. Na sequência, o espanto: uma grande serpente sai do seu ninho e desliza pelo chão da avenida. Em meio ao ritual das guerreiras, surge uma mulher serpente. A luz dos holofotes refletida nos adereços e fantasias teve um efeito deslumbrante.

Além do imaginário

Não à toa, Grande Rio, Imperatriz, Mocidade e Beija-Flor tentam impugnar a comissão de frente da Viradouro, com a perda de 0,5 ponto, porque extrapolou o limite de 15 integrantes visíveis. Mas como 0,7 ponto à frente da segunda colocada, nem o recurso tira o título da escola. Num país onde cresce a influência dos evangélicos, o sincretismo religioso continua sendo majoritário, porém, é cada vez menos traduzido por santos católicos, como São Benedito e São Jorge. A vitória do enredo Arroboboí, Dangbé, que ressalta energia do culto ao vodum serpente, reflete a mudança de paradigma. Na mitologia africana, representa a cobra arco-íris, a mobilidade, a agilidade e a destreza. É o orixá oxumaré.

No enredo da Viradouro, esse culto se estabelece no Brasil com a instalação de terreiros na Bahia por Ludovina Pessoa, sacerdotisa daomeana que veio com a missão de perpetuar a crença nos voduns. Ludovina também se torna liderança nas irmandades católicas e na formação do que hoje é o candomblé Jeje. Essa linhagem tem como referência o Terreiro do Bogum, centenário templo religioso em Salvador, dedicado à Serpente. Enfatiza o culto dos ancestrais e sustenta que os espíritos dos mortos vivem lado a lado com o mundo dos vivos.

O enredo da Viradouro vai além da interpretação de carnavais, malandros e heróis, clássico da antropologia brasileira, que mergulha no dilema que faz do Brasil um país de grandes desigualdades, mas de futuro promissor por sua capacidade de tradução cultural. Para Roberto DaMatta, tanto o carnaval quanto seus malandros e heróis são criações sociais que refletem os problemas e dilemas básicos da nossa sociedade. Mito e rito são dramatizações ou maneiras de chamar a atenção para certos aspectos da realidade social, dissimulados pelas rotinas e complicações do cotidiano.

Entretanto, a ancestralidade africana evocada pela Viradouro é real. O filme *A mulher rei*, protagonizado por Viola Davis, também conta a história das mulheres guerreiras Agojie. Não se trata apenas do imaginário. O reino do Daomé, na África Ocidental, teve seu auge na década de 1840, quando ostentava um exército de seis mil mulheres, conhecido em toda a região por sua bravura. A primeira menção a elas é de 1729.

O ENREDO DA VIRADOURO VAI ALÉM DA INTERPRETAÇÃO DE CARNAVAIS, MALANDROS E HERÓIS, CLÁSSICO DE ROBERTO DAMATTA, QUE MERGULHA NO DILEMA DO BRASIL DE GRANDES DESIGUALDADES